

---

## Entre Sandros, Williams, Lázaro e muitos outros: A construção de bestas-feras nas narrativas jornalísticas de abates humanos<sup>1</sup>

Soraya Venegas FERREIRA<sup>2</sup>  
Daniel Nunes de Oliveira MALAFAIA<sup>3</sup>  
Universidade Estácio de Sá, Niterói, RJ

### RESUMO

O termo abate se refere comumente a animais, mas ao avaliar narrativas jornalísticas de ações policiais cujo desfecho é a morte de sequestradores, assassinos, estupradores, animalizados e assemelhados a bestas-feras, a palavra se impõe. Esse artigo busca estabelecer pontos de contato e de afastamento entre as narrativas encontradas no site do *Jornal O Dia*, representante do jornalismo popular carioca, baseadas na cultura do medo e nas sensações que ela é capaz de provocar. Os casos que norteiam o ensaio constroem remissivas a eventos progressos semelhantes, que vistos também no contexto dos critérios de noticiabilidade, nos mostram o quanto essas narrativas buscam ativar nossos sentimentos mais primitivos. Eles envolvem temporalidades, níveis de proximidade geográfica e estratégias de construção de personagens diferentes, mas em comum, mostram o estímulo à celebração da morte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativas, Práticas e Processos Jornalísticos; Jornalismo popular; Cultura do medo; Critérios de noticiabilidade; Abate humano.

### BESTAS-FERAS NA NARRATIVA JORNALISTICA: SOMOS TODOS?

    Não criou Deus os naturais diversos  
    Não só Adão criou, e esse de nada  
    Todos somos ruins, todos perversos  
    Só nos distingue o vício e a virtude  
De que uns são comensais, outros adversos  
    (Besta-fera, Jards Macalé)

A epígrafe que abre essa reflexão integra a letra da música *Besta-fera*, que dá título ao álbum do músico Jards Macalé (2019), e à figura que muito se aproxima ao perfil das personagens que analisamos no presente artigo: corpos híbridos, nos quais prevalece não só a incivilidade humana, mas, sobretudo, a animalidade que legitima seu “abate”, termo este que adquiriu estatuto oficial ao integrar o discurso de Wilson Witzel, governador do estado do Rio de Janeiro entre janeiro de 2019 e abril de 2021 – quando sofreu *impeachment*.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, Mestre e Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ, com Pós-Doutorado em Teorias do Jornalismo pelo PPGCom-UFF, Pesquisadora vinculada ao Programa Pesquisa Produtividade da Universidade Estácio de Sá. Professora Titular e Coordenadora de Jornalismo do Campus Niterói da Universidade Estácio de Sá. Avaliadora de Cursos do MEC-INEP. Email: [sosovenegas@yahoo.com.br](mailto:sosovenegas@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Jornalista graduado pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: [danielmalafaia777@gmail.com](mailto:danielmalafaia777@gmail.com).

---

Witzel defendia com veemência uma política radical de segurança pública, segundo a qual a polícia, em sua gestão, deveria abater aqueles que portassem um fuzil. Para ele, o correto era “mirar na cabecinha e...Fogo! Para não ter erro”<sup>4</sup>. Na manhã do dia 20 de agosto de 2019, o abate não só aconteceu, como foi celebrado por ele na ponte Rio-Niterói, à ocasião da morte de Willian Augusto da Silva, de 20 anos, alvejado por *snipers* após ter mantido como reféns 39 passageiros do ônibus 2520, linha da viação *Galo Branco* que seguia em direção à cidade do Rio de Janeiro.

O caso gerou mobilização e postagens em redes sociais digitais e aplicativos de mensagens, permitindo que o público acompanhasse o que poderia ser a repetição do sequestro do ônibus 174, transmitido ao vivo pela TV em 2000, e que terminou com as mortes de Sandro Barbosa do Nascimento, o criminoso, e Geísa Firmo Gonçalves, uma das passageiras. O primeiro por asfixia e a segunda por um tiro. Como enfatizado na capa do jornal *Extra* do dia 21 de agosto de 2019, na ponte a história teve “um outro fim”, pois as vítimas saíram ilesas ao contrário do sequestrador, cuja morte ensejou efusiva comemoração, não só do governador, mas da multidão presente, que, em coro, parabenizou Witzel enquanto ele corria em direção aos policiais, depois de aterrissar de helicóptero na ponte.

Dentre as coberturas, chama a atenção a do site do jornal *O Dia*, cujos aspectos da narração nos levaram a uma reflexão mais ampla acerca do segmento em que este veículo tradicionalmente se insere, o jornalismo popular, já que víamos saltar às telas o que, nos anos 1970, sua década de maior sucesso comercial, preenchia as páginas do impresso: crimes de toda sorte e vozes amedrontadas pela iminência do risco. Decerto, os anos se passaram, e com eles novas personagens e ações tomam conta do cenário narrado. E mesmo que a morte – ou, mais especificamente, o homicídio – não tenha perdido seu valor noticioso, a ideia do “abate” nos exige uma análise mais atenta; isto, na medida em que é constituída por determinações políticas e sociais particulares à cultura moderna, marcada pelo medo, e institui ao jornalismo popular modos distintos de narrar e construir seus “malfeitores”. Para aprofundar nossa reflexão, adicionamos ao *corpus* outra cobertura feita pelo *O Dia* que, este ano, acompanhou a fuga de Lázaro Barbosa pela região Centro-Oeste, onde cometeu uma série de crimes e foi morto pela polícia após 20 dias de buscas.

---

<sup>4</sup> “Wilson Witzel: Polícia vai mirar na cabecinha e fogo”. Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/wilson-witzel-a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo/>

---

## **“ONDE HÁ MORTE, HÁ JORNALISTAS” – O “ABATE” ENQUANTO CRITÉRIO DE NOTICIABILIDADE**

A morte é uma das poucas certezas da vida e, portanto, por si só, não é informação nem notícia (MOUILLAUD, 2002). No que diz respeito a uma visão holística da sociedade, a morte representa, contudo, a irregularidade máxima, intolerável porque desagrega a coesão social, pondo em suspeição a eficácia das disposições que orientam os indivíduos e que propiciam a manutenção da vida em comunidade. A natureza da morte enquanto acontecimento nos remete ao insólito como atributo que lhe é inerente, ou à falha, que, ao que indica Adriano Duarte Rodrigues (1993), é o registro que garantiria sua notabilidade midiática. Assim, seria a falha, ou a quebra da rotina, uma marca distintiva que provocaria um relevo na superfície midiática, suporte para atualização de um determinado estado de coisas, de um presente, que não se sustenta sem um passado. Este passado ofereceria os referentes para que o acontecimento se torne reconhecível e, portanto, comunicável.

Além disso, em consonância com Gabriel Tarde, a morte é vista não como algo incerto, mas como "certo sob condição" (TARDE, 2018, p. 165). A consciência de que a morte é possível não transgride a “lei da informação”, princípio – assim nomeado por Maurice Mouillaud – que preconiza ser – ou fazer – diferença na atualidade; mas, pelo contrário, a observa, num movimento de reprodução incessante da diferença que produz, ou atualiza, o presente através de um quadro circunstancial, assim como expectativas sobre o futuro (MOUILLAUD, 2002). Esta perspectiva se aproxima de uma concepção particular do tempo, definida por Gilles Deleuze (1973) com base em sua leitura da divindade helenística *Aion*, metáfora alternativa à que convencionalmente se reporta à *Cronos*, a partir da qual se figura o tempo como primado do presente, que absorveria passado e futuro, apenas passíveis de apreensão em estado residual.

Ao contrário, em *Aion*, o instante da duração divide, ou perverte, o presente entre passado e futuro ao mesmo tempo, encetando-o em ambas as direções. Sendo "já passado e eternamente ainda por vir" (DELEUZE, 1973, p. 170), este modo de acontecer se manifesta em uma forma sem conteúdo, onde habitam efeitos incorporais e, por isso, ilimitados e inesgotáveis. Efeitos realizados pela linguagem, que é independente do estado de coisas – das qualidades físicas e da lógica causal – e por meio da qual o sentido opera e dá existência à expressão, às proposições, que nada mais são que a presentificação do acontecimento no mundo da enunciação.

---

Mas como os acontecimentos se comunicam fora de uma causalidade? A solução vem do pensamento de Leibniz, especialmente com a noção de impossibilidade, na qual Deleuze denuncia que o princípio teológico da predeterminação é o elemento responsável por acarretar a exclusão entre acontecimentos de singularidades divergentes. Em lugar disso, o autor transforma a divergência em objeto de afirmação, o que permite: 1) relacionar opostos pela distância positiva que conservam um do outro, e, 2) “medir os contrários por sua diferença finita em lugar de igualar a diferença a uma contrariedade desmedida e a contrariedade a uma identidade ela própria infinita” (DELEUZE, 1973, p. 178).

Para uma analogia mais próxima a esse estudo, recorre-se a José Carlos Rodrigues (1983), que traça um campo semântico da relação entre vida e morte na sociedade – contrários que não se excluem, mas que, à distância, revelam um aspecto universal da cultura humana. Segundo ele, a presença da morte não é indiferente ao homem, pois a experiência de contemplar a morte do outro, ou o outro morto, revela ao vivo, num tom ameaçador, a finitude de sua própria existência enquanto indivíduo e enquanto parte de um coletivo, já que, longe de se reduzir a uma ausência ou a uma presença desprovida de agência, o corpo inanimado, cujo espírito permanece em estado liminar, impacta todas as dimensões da vida em comunidade.

Esta formulação nos dá base para aprofundar uma reflexão que já nos ocupa há um tempo, sobre a configuração da morte, e os valores investidos nesse processo, no âmbito das coberturas jornalísticas de operações e “caçadas” que têm como clímax o “abate” de criminosos, a exemplo de casos como o sequestro do ônibus 174 (2000), o sequestro do ônibus 2520 (2019) e a fuga frustrada de Lázaro (2021), situações distintas, mas que se correspondem entre si por compartilharem, entre outros, um elemento de destaque: o homicídio levado a cabo por agentes do Estado, que repercute nas várias instâncias dos discursos sociais, mobilizando relatos e pronunciamentos, e suscitando rumores em suas mais diversas modalidades e extensões.

Foi deste circuito que, na cobertura do sequestro na ponte Rio-Niterói – abordado com ênfase em trabalhos anteriores (MALAFAIA, 2020; MALAFAIA e FERREIRA, 2020a) –, o site do jornal *O Dia* se alimentou, configurando uma narração marcada pela interação enunciativa, em incessante movência, que oscilava entre vozes oficiais e ordinárias, bem como entre os pontos de vista que delas se originaram, sucedendo em deambulações que, como resultado, excederam o “caminho das balas”, ou, melhor dizendo, o relato dos instantes prévios aos tiros que levaram a óbito Willian, o sequestrador.

Essa trilha, como verificado nas análises, explorou vários efeitos do sequestro, personificados em relatos impregnados de sentimentos como ressentimento, indignação e medo, afinados, em alguma medida, por se relacionarem ao mote da violência – representada como fenômeno intrínseco à experiência urbana na cidade do Rio de Janeiro – e, como não, do risco de morte. Logo, a morte paira num horizonte de expectativas, sagra-se como possibilidade ao encontrar no imaginário o conjunto de condições que, se em conformidade com a paisagem, com o atual “estado de coisas”, sugere o perigo de sua transposição para o real.

A morte protagoniza, virtualmente, a suposta reincidência de um passado que, fatalmente, vai ao encontro de um futuro que já dá seus sinais, que está próximo, e que é percebido pelos que o pressentem e materializam essa experiência nos relatos, voltados para o acontecimento, centrados em como este os afeta. Nota-se, então, que a narrativa é preenchida por uma dupla morte: uma, não realizada, expressa no risco da morte das vítimas diretas e indiretas que padecem no sofrimento de lidar com a instauração da anormalidade; e uma realizada, a morte do sequestrador, expressa no tiro do *sniper* e no estado de excitação da multidão, a partir de um desfecho desejado, haja vista a comemoração dos presentes e do então governador do estado do Rio, Wilson Witzel, que desceu de helicóptero sobre a ponte e com gestos efusivos comemorou o feito da polícia.

Todavia, esta reação é tão intensa quanto efêmera, visto que as obscuras motivações de Willian fizeram erigir especulações, que reativaram o mesmo jogo temporal, no fiar entre passado e futuro observado em outro trabalho (MALAFAIA e FERREIRA, 2020b), uma análise por meio da qual pudemos ver, na capa do *O Dia*, a reinserção do risco na cena da cobertura, advertindo sobre o perigo de retorno de “outro” Willian, como se ele fosse modo singular de um tipo abrangente, tal como os responsáveis pelo massacre na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano-SP, que aconteceu em março do mesmo ano, rememorado pelo jornal em razão das investigações, que apontavam para a tese de que o crime havia sido planejado pela internet. Nesse ponto, outro representante do jornalismo popular carioca, o jornal Extra, optou por fazer a conexão com o sequestro do ônibus 174, ocorrido no bairro do Jardim Botânico, no qual o *sniper* acertou não o criminoso, mas a vítima. Ação desastrosa e parcialmente “corrigida” pelos policiais durante a condução do sequestrador Sandro à delegacia, onde já chegou morto por asfixia.

Ao que tudo indica, a aproximação feita pela Polícia e apropriada pelo jornal *O Dia*, deu luz a uma figura que, personificada, é uma ameaça silenciosa, que, como muitas outras, veicula o risco necessário para a vitalidade do medo nas múltiplas e articuladas formações

sociais, por entre as quais a mídia perpassa e põe em circulação sentidos e rostos particulares para noções como normalidade, segurança e justiça, bem como para seus opostos.

## **A CULTURA DO MEDO E A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE BESTAS-FERAS**

Nossa menção a uma “vitalidade do medo” cumpre a função de salientar seu caráter vivo, não só como elemento significativo da vida moderna, mas como sentimento que não apresenta outro índice de sua origem a não ser o “outro”, aquele que está entre nós, mas que não se identifica conosco; aquele que age em oposição ao bem comum. O que o caracteriza é a impermanência que responde a uma demanda do nosso objeto, pois, nas coberturas analisadas, o risco está sempre presente, mas segue um fluxo de deslocamentos e transformações que interditam qualquer leitura taxonômica, classificatória. Compele, em vez disso, a uma leitura mais próxima do vitalismo (LASH, 2006), atenta às modalizações do medo, às maneiras de instituição da vulnerabilidade e do perigo nas relações significativas empreendidas ao longo das narrações.

É o estado de vulnerabilidade o ponto de ignição das coberturas, lugar de tensão em que nos é dada uma aproximação da perspectiva das vítimas e de sua experiência traumática. Neste movimento, somos conduzidos até a borda da fissura de onde irrompe a figura capaz de descompassar o ritmo do cotidiano, de dilatar a duração do ir e vir, de alterar sua paisagem. Figura anômala, potente o suficiente para dilacerar o corpo social, e marcar irreversivelmente o tecido em que se inscrevem suas memórias. É Deleuze (1973), ainda, fonte de inspiração para nossa reflexão. Por isso, faremos uma breve digressão ao seu pensamento, até tatearmos as condições de possibilidade para sua aplicação ao nosso propósito: pensar as manifestações do medo e do risco relacionados à(s) figura(s) do criminoso, resultado de associações entre memórias, contextos e formações discursivas. Sobre a *fêlure*, ou a fissura, que nomeia a figura responsável por amarrar toda a prosa das histórias contidas em “*The Crack Up*”, de F. Scott Fitzgerald, Deleuze se indaga a partir de uma situação específica, a destruição “repentina” da relativa harmonia de um casal:

Certamente, muitas coisas se passaram tanto no exterior como no interior: a guerra, a bancarrota financeira, um certo envelhecimento, a depressão, a doença, a fuga do talento. Mas todos estes acidentados ruidosos já produziram os seus efeitos de imediato; e eles não seriam suficientes por si sós se não cansassem, se não aprofundassem algo de uma outra natureza e que, ao contrário, só é revelado por eles à distância e quando já é muito tarde: a fissura silenciosa. (DELEUZE, 1973, pp. 157-158)

---

Segundo o filósofo, a fissura configura a fronteira de uma superfície entre seu interior e exterior, de onde partem acontecimentos ruidosos que colidem com o único ponto sensível de toda sua extensão: a borda, onde se pode experimentar os efeitos produzidos pelas pancadas que a distende longitudinal e latitudinalmente. Aterrando essa figura em nosso campo, é possível constatar que os acontecimentos críticos não só fendem o tecido social, mas também a circulação midiática. Seus efeitos reverberam com maior amplitude e intensidade nas páginas dos jornais em ocasião das grandes coberturas, a exemplo dos sequestros e fugas, bem como em coberturas de outros crimes que ainda não nos dispomos a analisar.

Porém, é estratégia tradicional do jornalismo popular a personalização, que preenche o noticiário com dramas pessoais narrados de “forma extremada” (AMARAL, 2006, p. 65), e com matérias de caráter mais assistencialista, como reclamações – dentre as quais encontramos o tema da insegurança – e denúncias contra a negligência do poder público. Neste segmento, a despeito da variedade de perfis editoriais que o compõe, nos é escancarada uma visão catastrófica e fatalista do mundo do povo, sobretudo quando pomos em evidência o abismo que o distancia do mundo do poder, caracterizado pela arbitrariedade e pela falha no cumprimento das funções do Estado (SERRA, 1986).

Essa poderia ser a “fenda silenciosa” que naturaliza o desalento em relação ao Estado como parte do conjunto de expectativas que cativam o leitor a esperar “o pior”. Como explicar, então, o processo de construção de um “pior” digno de uma cobertura de longa duração? Um “pior” cujo ruído descomunal é provocado por esse “outro” – a quem nos referimos mais acima – e pela brutalidade, exotismo e opacidade de suas ações, indicadores de “um contexto de referência” (FOUCAULT, 2001), por assim dizer, anormal.

É a busca por esse contexto de referência, ou pelo atestado de sua anormalidade, que vemos preencher boa parte da cobertura sobre o sequestro do ônibus 2520, principalmente no que se segue após a morte de Willian. O agenciamento de vozes diversas converge para essa finalidade. Desde o lamento da mãe do sequestrador – que oferece alguns poucos traços da personalidade do filho como um rapaz traumatizado que “não tinha amigos, era ansioso e tomava remédios” – até pareceres de policiais e especialistas – que costumam a tese de que seu objetivo era levar a cabo a própria vida – encaminham à caracterização do sequestrador como alguém que, até o fim, usou de todos os recursos de que dispunha para fugir da “realidade”, a qual não se encaixava.

Este desencaixe foi explorado num movimento retrospectivo, que pôs em cena situações nas quais se demarcou não somente sua inadequação à normatividade, mas sua repulsa, sua busca por distanciamento do mundo social, a exemplo do trecho “a polícia chegava à imagem de um rapaz isolado, sem amigos nem namorada, com um cotidiano cada vez mais deslocado da realidade e preso nas redes sociais e aplicativos”<sup>5</sup>; o mundo da escola, vide relato da professora, segundo a qual Willian, ao “mesmo tempo que era introvertido, era nervoso, não sabia discutir. Quando alguns meninos implicavam ou provocavam, ele ia na direção da pessoa para agredir”<sup>6</sup>; e o mundo do trabalho, como afirma o narrador: “Nos últimos tempos, não saía nem mais para ajudar o pai, padeiro, no trabalho. Alegava dor nas pernas.”<sup>7</sup>

Sua caracterização, baseada na distância que buscava dos espaços de convivência, não nos coloca diante de um indivíduo naturalmente antissocial, mas de alguém cujo passado se delineou numa sucessão de falhas, atribuídas, de um lado, à família – como se evidencia na fala de Witzel: “A mãe dele está muito abalada, se perguntando onde ela errou...” – e, de outro, à escola – a exemplo da queixa de sua ex-professora: “Nós estamos abandonados pelo poder público, porque não temos nenhuma assistência dentro das escolas públicas, de atendimento e encaminhamento, que seja sério, um trabalho voltado para preparar esses jovens para a vida adulta”.

Nesse sentido, a culpa que se concentrava em Willian é diluída, vertendo ao descaso atemporal do Estado, mas também à manifestação residual e trágica dessa inação, na medida em que, como exprime ainda a profissional, a escola seria um ambiente de reprodução do desajuste social: “Meu maior medo, hoje, é que nós temos em nossas escolas muitos alunos com as características do Willian”. Esse cenário nos aproxima de uma das figuras que marcam a arqueogenealogia dos anormais elaborada por Michel Foucault (2001), que é a do “indivíduo a ser corrigido”. Este tem como contexto de referência a família e as instituições junto das quais ela empreende suas intervenções, já que o esforço interno, no seio doméstico, se mostra insuficiente frente ao conjunto das tecnologias de poder inerente ao

---

<sup>5</sup> “Polícia investiga se sequestro de ônibus foi tramado pela internet”. O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5674278-policia-investiga-se-willian-usou-informacoes-do-submundo-da-internet-para-planejar-sequestro-de-onibus.html>

<sup>6</sup> “Sequestrador ficava de cabeça baixa e não interagia na escola, diz ex-professora”. O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5674614-sequestrador-ficava-de-cabeca-baixa-e-nao-interagia-na-escola--diz-ex-professora.html>

<sup>7</sup> Op.cit. O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/08/5674278-policia-investiga-se-willian-usou-informacoes-do-submundo-da-internet-para-planejar-sequestro-de-onibus.html>

---

aparato das instituições, como as técnicas de educação coletiva, de reeducação e de sobre-correção.

O que o distingue da figura clássica do monstro, é sua maior proximidade das regras na linha que determina a gradação entre o normal e o anormal, o que torna a possibilidade de sua emergência altíssima, ao contrário do monstro, cujo aparecimento constitui uma exceção, pois sua transgressão impõe uma desordem tamanha que incita questionamentos essenciais quanto ao direito e as bases fundamentais que arregimentam as leis naturais e a lei divina na sociedade.

O indivíduo a ser corrigido, assim, é como que um grânulo de transgressão que carrega em si dois paradoxos: um, de ser regular em sua irregularidade; e outro, de se mostrar corrigível, menos arredo ao controle, mas, no fim, tão irremediável quanto inexorável. No entanto, como atenta Foucault, os limites que separavam essas figuras passam a desaparecer a partir do início do século XIX, quando se observa o intercâmbio entre elas na consolidação de um sistema de conjugação entre poderes e saberes até então isolados, mas em processo de conjugação, como a justiça, a medicina e a pedagogia.

Por isso nota-se que Willian teve sua culpa “diluída”, e não extinta, uma vez que, nos primeiros momentos da narrativa, a construção do personagem o aproxima da figura do monstro ao ameaçar a vida dos passageiros do ônibus que sequestrou. Como punição, ele é abatido, mas o risco não morre com ele. Sua caracterização é fruto de um movimento que mantém vivo o risco e, com ele, o medo, pois o narrador orienta a culpa para outras instâncias, que seriam responsáveis pelas condições de insurgência de outros “Willians”.

## **MONSTRO OU ARQUIVO A SER QUEIMADO? A CAÇADA DE LÁZARO BARBOSA**

A despeito do “abate”, que inflexiona as narrativas aqui analisadas, a cobertura das buscas por Lázaro Barbosa mostra peculiaridades a serem pontuadas antes de qualquer aprofundamento, pois o caso compõe nosso *corpus*, que se constitui em um díptico que vislumbra duas cenas cujo conteúdo as distancia tanto no tempo quanto no espaço: 2019-2021; Rio de Janeiro e Goiás. O sequestro do ônibus 2520 ocorreu na manhã do dia 20 de agosto de 2019, na ponte Rio-Niterói, que foi interditada por três horas e meia. Já a perseguição a Lázaro Barbosa em Goiás durou 20 dias.

O primeiro é um evento de curta duração, mas de grande escala, tanto do ponto de vista social, já que alterou abrupta e radicalmente a cadência da vida urbana, quanto do

---

ponto de vista midiático, pois garantiu aos jornais uma variedade de histórias substancialmente extraordinárias – como uma mulher, em trabalho de parto, que só não deu à luz no local graças a um guarda municipal que a levou de moto ao hospital – e especulações em torno da enigmática figura do sequestrador – que perduraram por cinco dias, com dezenas de publicações no site. O enigma que mais obscurecia a caracterização de Willian como um malfeitor era seu passado, por exemplo, isento de processos criminais, mas também seu estilo de vida, solitário e encerrado às redes sociais digitais.

O caso Lázaro Barbosa se apresenta como o avesso do anterior, em vários aspectos. Enquanto personagem jornalística, informações veiculadas mostravam o quão maléfico e ardiloso Lázaro era, bem como o que seria capaz de fazer se continuasse livre. Com passagens pela polícia tanto na Bahia, de onde era natural, quanto em Brasília, onde cometeu os mais recentes crimes, o homem de 32 anos acumulava uma extensa ficha criminal, com uma variedade de acusações, tais como roubo, homicídio, estupro, dentre outras. Estas projetavam-se nas coberturas não como um apêndice sobre seu passado, ou como um enclave engolido pelos acontecimentos presentes, mas como uma série de acontecimentos passados que se justapõe à atualidade numa relação que, no site do jornal *O Dia*, estabelece um *continuum* em suas ações.

Esta operação fica evidente na matéria que abre a cobertura do caso feita pelo *O Dia*, publicada dia 14 de junho, cinco dias após o criminoso ter assassinado uma família de quatro pessoas, residentes de uma chácara no Distrito Federal. O título "Com seis dias de buscas, *serial killer* mobiliza 200 policiais no DF; entenda o caso"<sup>8</sup>, já apresenta o significante escolhido para a designação do criminoso ao longo de toda a cobertura, indicando, com a expressão "*serial killer*", o caráter compulsivo de suas ações, descritas com mais detalhes no correr da reportagem.

O tópico final, "As características de Lázaro", é dedicado ao desenho do perfil da personagem a partir de um laudo criminológico, assinado por três psicólogos, que reúne os desvios de sua personalidade, momento em que se insere outro significante para a qualificação de Lázaro: um maníaco. Entretanto, é do mesmo laudo que o jornal investe a personagem de uma "consciência" de si e do sofrimento perpetrado contra suas vítimas. Seu descontrole estaria relacionado à dependência química, e a um passado familiar precário, marcado tanto pelas drogas quanto por agressões, trabalho infantil e outras privações. Pontua-

---

<sup>8</sup> "Com seis dias de buscas, *serial killer* mobiliza 200 policiais no DF; entenda o caso O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2021/06/6177291-lazaro-barbosa-e-capturado-e-morto-apos-20-dias-de-buscas.html>

se, neste íterim, a possibilidade de sua recuperação vislumbrada pelos psicólogos, que recomendaram seu encaminhamento para grupos de apoio. Isto reitera o intercâmbio, referido no item anterior, entre as figuras do monstro e do indivíduo a ser corrigido, oscilantes ao ritmo da narração.

O que temos até aqui, portanto, é uma personagem menos enigmática que Willian, mas não menos complexa, dado o caráter atroz de suas ações e o caráter trágico de suas motivações. Isso se configura em um movimento retrospectivo que se assemelha ao executado na cobertura do sequestro, mas que não é idêntico, justamente pela grande quantidade de informações disponíveis em uma só reportagem, a primeira da cobertura, e também pela duração do acontecimento que pode ser tipificado como caçada. Até Lázaro ser localizado em Águas Claras, no estado de Goiás, na manhã de uma segunda feira, dia 28 de junho<sup>9</sup>, quando faleceu após ser alvejado por 38 tiros durante um confronto com a polícia, a narrativa acompanha os rastros deixados por ele, e as desventuras que o medo provocou, a exemplo das tentativas de linchamento sofridas por pessoas cujas aparências carregavam traços semelhantes aos dele.

A agonia da história se desenrola em movimento crescente, no qual o Estado deixa o protagonismo e passa a integrar uma coletividade cuja grandeza insufla a, ainda não saturada, periculosidade de Lázaro. Assim, além da população, políticos também encarnaram o desejo de sua morte, uma “necessidade” que nem mais a polícia era apta a, por si mesma, satisfazer. Esse anseio é textualizado na matéria "Policiais fazem oração para encontrar Lázaro Barbosa"<sup>10</sup>, publicada dia 23, o relato de um ritual improvisado pelos agentes, que, segundo o lide, “recorreram a Deus para pedir ‘iluminação’ para encontrar o suspeito”.

Com o “abate”, que representaria a resolução do conflito e a extinção do risco, o que entra em cena é uma virtualização da função ocupada, até então, por Lázaro. Alguns movimentos marcam esse processo, dentre os quais pontuaremos dois. O primeiro enfatiza uma suspeita que já havia sido levantada sobre Lázaro, quando ainda era vivo: a de que uma “rede criminosa”<sup>11</sup> havia apoiado sua fuga. E o segundo, expõe a preocupação com a possi-

---

<sup>9</sup> "Lázaro Barbosa é capturado e morto após 20 dias de buscas". O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2021/06/6177291-lazaro-barbosa-e-capturado-e-morto-apos-20-dias-de-buscas.html>

<sup>10</sup> "Policiais fazem oração para encontrar Lázaro Barbosa". O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2021/06/6174035-policiais-fazem-oracao-para-encontrar-lazaro-barbosa.html>

<sup>11</sup> "Polícia de Goiás investiga suposta rede criminosa de apoio a Lázaro". O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2021/06/6177422-policia-de-goias-investiga-suposta-rede-criminosa-de-apoio-a-lazaro.html>

lidade de surgimento de “novos Lázaros”<sup>12</sup>. A expressão aparece em uma matéria sobre um *tweet* feito pelo ex-ministro da Segurança Pública do governo Bolsonaro, Sérgio Moro, em que propõe como solução para a prevenção de casos como o de Lázaro, uma mudança no código penal, que reconhece bom comportamento na prisão como atestado para progressão do regime fechado para o semiaberto ou aberto.

Para Moro, seriam necessárias “condições que assegurassem que não mais cometeriam crime”. Esta proposição nos indica, então, que a lei seria culpada por permitir a liberdade dos criminosos, “afundando” a população no que, em outra publicação, foi chamado pelo advogado Marcos Espínola, de um “Rio de Lázaros”<sup>13</sup>, figura que aproxima o caso, que ocorreu na região Centro-Oeste do Brasil, da “realidade” do estado do Rio de Janeiro. Nas palavras de Espínola, não haveria mais “nenhum ponto do Rio livre dos riscos e violências promovidas por esses elementos à margem da lei” – lei esta que, no ponto de vista de Moro, segue falhando.

No texto, Lázaro é equiparado aos mais de 200 mil “bandidos, milicianos e narcotraficantes”, que viriam das “mais de 1.400 favelas” cariocas, dominando “comunidades e até bairros inteiros”. Os altos números e plurais imprimem no discurso um volume em expansão, que se confirma quando o enunciador inscreve uma progressividade a esse processo, afirmando que “Lázaros” se multiplicam no estado, “ano após ano”. Assim, o criminoso é, em alguma medida, “desincorporado” na narrativa, sendo, no fim das contas, análogo a um tipo, uma personalidade, ou mesmo um “espírito” em estado muito rudimentar de “evolução”<sup>14</sup>, malfazejo, caracterizado pela onipresença, levando o risco e a vulnerabilidade à vida dos cidadãos.

## **DO ABATE À CELEBRAÇÃO DA MORTE – RESTAURAÇÃO DA “JUSTIÇA” E REATIVAÇÃO DO RISCO**

A argumentação feita até aqui pode suscitar interrogações quanto ao lugar que a teoria ocupa nessa análise. Buscou-se observar características da narrativa que nos mostram uma história aberta às possibilidades desse mundo, cuja correspondência com o mundo

<sup>12</sup> Moro pede mudança na lei para 'evitar novos Lázaros'. O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2021/06/6177857-moro-pede-mudanca-na-lei-para-evitar-novos-lazaros.html>

<sup>13</sup> “Marcos Espínola: Rio de Lázaros”. Marcos Espínola, O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/opiniao/2021/07/6178926-marcos-espino-la-rio-de-lazaros.html>

<sup>14</sup> Como a coluna Além da Vida, assinada por Átila Nunes, interpreta o estado espiritual de Lázaro à luz do kardecismo. “O destino do espírito de Lázaro”. O DIA. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/colunas/alem-da-vida/2021/07/6179828-o-destino-do-espírito-de-lazaro.html>

concreto se dá por uma configuração, uma tessitura que alinhava elementos do virtual e do real, conjugados numa trama que é resultado de um verdadeiro trabalho mimético, na acepção de Paul Ricoeur (1994). O que quer dizer que se trata de uma atividade de criação e significação, levada a efeito na relação do sujeito com o mundo, inscrito numa temporalidade que lhe é constitutiva. O jornalismo, que tem essa atividade como finalidade em seu sistema produtivo, nos oferece ricos exemplos, seus produtos – notícias, reportagens, coberturas em geral –, que são – e devem ser – tomados como objeto de reflexão sobre a realidade humana – indissociável de seus aspectos históricos, sociais, culturais e discursivos.

As coberturas analisadas desvelam imagens sobre as quais refratam elementos que podem ser encarados como sintomas do nosso tempo. Um deles, quiçá central para nosso trabalho, é o “abate”, e os sentidos vinculados a esta forma de morte no site do jornal *O Dia*. Pensando sobre morte e poder, José Carlos Rodrigues (1983) conclui que o homicídio executado em nome do poder é tomado como justiça. Esta associação, que ele extrai de uma extensa análise de formações sociais primitivas e modernas, aparta da morte a qualidade de tabu, pois mata-se quem ameaça à integridade do “bem comum”, da homogeneidade social.

Nesta racionalidade, a morte significa o triunfo da ordem sobre a desordem, que, nas narrativas em questão, é instaurada por “Willians” e “Lázaros”. Ao relato de suas ações vincula-se uma dimensão afetiva (MASSUMI, 2002) construída pela narrativização das sensações e emoções das vítimas, que carregam na memória as experiências de ter ficado cara a cara com os criminosos. A esta dimensão, vincula-se a intensidade do sentimento de satisfação seguida ao abate, manifesto nos registros das comemorações efusivas de policiais, políticos e cidadãos ligados direta ou indiretamente aos acontecimentos.

É interessante notar, todavia, que a intensidade dessa dimensão afetiva sofre um declínio, exatamente no ponto em que o abate deixa seu lugar central nas coberturas, para a reinserção do medo decorrente do risco que a insurgência dessas figuras, ora monstruosas, ora (in)corrigíveis, oferece à vida dos leitores, aproximados pelo *O Dia* à realidade das vítimas – pertencentes majoritariamente à classe trabalhadora – como que numa conversa íntima, quase doméstica (AMARAL, 2006), na qual o estado das coisas que são de interesse público, como a reconstituição das operações ou o rumo das investigações, é momentaneamente suspenso, para dar lugar a detalhes de ordem individual. Entre rumores, queixas e lamentos, o jornal concilia singular e universal, mobilizando, a partir dos dramas individuais, um pano de fundo que consolida o lugar central ocupado pelo risco, na medida em que passa a ter uma origem, seja ela o Estado negligente, a Lei falha, ou as escolas sucateadas.

Este cenário fatalista, presente nas análises de Antonio A. Serra (1989) sobre o jornal *O Dia* nos anos 1970, também aparece nas teorias sociais do risco, como no trabalho de Ulrich Beck (2000), para quem o desencanto em relação às fontes de significado, fortes ideias políticas como a "fé no progresso", seria uma das consequências do desencanto dos cidadãos quanto à eficácia das próprias instituições responsáveis pela coesão social, levantando incertezas, por exemplo, sobre a segurança em meio à multiplicidade de riscos, variados em gênero e grau. Por isso, o sociólogo interpreta a condição da pessoa, como vários outros críticos da modernidade, à luz do individualismo, já que viver em sociedade exigiria uma competência individual para a busca de meios que permitissem lidar com as crescentes ameaças, sem deixar de cumprir com as obrigações que competem a um cidadão.

A ênfase nos dramas individuais identifica não só o perfil editorial do *O Dia*, como também integra uma tradição mais ampla do jornalismo popular; não obstante, oferece um esclarecimento sobre a maneira como a narrativa é costurada nas coberturas. Antes e depois do abate, as vozes de vítimas reais ou potenciais marcam a narração, com uma tensão que sofre uma única, e breve, interrupção, em razão da comemoração da morte. A tensão é administrada pelo agenciamento dessas vozes amedrontadas por um risco que, após a morte, não é extinto, mas atravessa uma progressão temática, que parte de um risco espectral, quase invisível – presentificado virtualmente em mediação com as memórias das experiências traumáticas – para o “sistema”, que seria a “máquina” de realização do risco através do corpo das bestas-feras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa reflexão permitiu um aprofundamento sobre o tema. Reexaminamos os resultados de pesquisas anteriores, e, pondo-os em perspectiva com o presente recorte, mais abrangente, verificou-se como a noção de risco se inscreve nas narrativas tanto no desenrolar da trama, como após seu desfecho, no qual a “besta-fera” é abatida. Revelam-se, portanto, os efeitos do risco, responsável por administrar a tensão ao longo de toda a narrativa, numa atualização contínua da cultura do medo. Olhada de longe, a narrativa apresenta uma estrutura circular, cuja uniformidade da circunferência se mantém intacta enquanto o tom temeroso dos relatos e descrições tensiona a borda. Sua deformação se dá com o “abate”, uma dobra produzida pelo afrouxamento da borda, que configura um fosso, preenchido por comemorações, falas de satisfação e até mesmo piadas.

No entanto, o risco volta a atravessar a narração, que reconfigura o instável círculo, um *continuum* de tragédias que depende, para sua vitalidade, das bestas-feras, figura à qual os criminosos são conformados; do risco multiplicador do medo; e do “abate”, que afasta, momentaneamente, tanto o risco quanto o medo das vozes e consciências que povoam o cenário. Com base neste modelo, a cobertura não tem seu fim com o “abate”, pois ele marca o ponto de retorno ao estado inicial, que é o estado de tensão articulado num trabalho temporal que o jornal opera incessantemente. Acontecimento após acontecimento, morte após morte, *O Dia* projeta no presente as expectativas de um futuro trágico que encontra suas condições de possibilidade em memórias de um passado não menos trágico.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia F. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna**. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LASH, Scott. Life (Vitalism). In: **Theory, Culture & Society**, vol. 23, no. 2-3. Maio de 2006, pp. 323–329. Disponível em: [10.1177/0263276406062697](https://doi.org/10.1177/0263276406062697).
- MALAFAIA, Daniel Nunes de O. **Jornalismo popular na web, narrativa e encenação enunciativa: o site do jornal O Dia e a construção dos pontos de vista sobre o sequestro do ônibus 2520**. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Jornalismo, UNESA. Niterói, 2020.
- \_\_\_\_\_.; FERREIRA, Soraya V. Jornalismo popular na web: o sequestro do ônibus 2520 na ponte Rio-Niterói narrado pelo site do jornal O Dia. In: **10º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo**, 2020a.
- \_\_\_\_\_. Para além do gênero informativo: uma análise do discurso sobre o sequestro do ônibus 2520 nas capas dos jornais Extra e O Dia. In: **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020b.
- MASSUMI, Brian. **Parables for the virtual: movement, affect, sensation**. Estados Unidos, Durham: Duke University Press, 2002.
- MOULLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio D. (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora UnB, 2002.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa – Tomo I**. Campinas: Papyrus, 1994.
- RODRIGUES, Adriano D. O acontecimento. In.: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Portugal, Lisboa: Vega, 1993.
- RODRIGUES, José C. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- SERRA, Antonio A. **O desvio nosso de cada dia: a representação do cotidiano num jornal popular**. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1986.
- TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia e outros ensaios**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.